

EDUCAR E COMBATER O SILÊNCIO: O QUE É RACISMO ESTRUTURAL?

Magela Rosas¹

Florencia Valentina Silva Borges²

Simone Silva Alves³

Resumo:

Este estudo tem como objetivo analisar o conceito de racismo estrutural tendo como fonte principal o livro: O que é racismo estrutural? de Almeida Silvio. Ressaltamos que a pesquisa é bibliográfica e de natureza qualitativa e que utilizamos como embasamento metodológico a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977). Pensamos ser fundamental para a formação inicial de professores/as conhecer, estudar e analisar esses conceitos para trabalharmos no combate da reprodução do preconceito, do racismo, e, especialmente o silenciamento dessas questões no âmbito escolar. A pesquisa mostra que é de suma relevância trabalhar a educação para as relações étnico-raciais nas escolas, pois essa temática dialoga com a noção de raça, etnia, preconceito, discriminação e racismo. Concluímos que nossos objetivos foram claramente alcançados, pois logramos fazer o vínculo entre a capacidade que tem a educação, especialmente instituições educativas em conjunto com os educadores de desconstruir e banir as ideias discriminatórias e racistas da sociedade. Por isso, acredita-se que é de suma relevância trabalhar a educação para as relações étnico-raciais nas escolas

Palavras-chave: Formação de professores, Educação escolar básica, Racismo.

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

EDUCAR E COMBATER O SILÊNCIO: O QUE É RACISMO ESTRUTURAL?

¹ Aluno de graduação. magelaherrerarosas@gmail.com. Autor principal

² Estudante de Pedagogia unipampa. florenciasilva18@gmail.com. Co-autor

³ Docente. simonealves@unipampa.edu.br. Orientador

EDUCAR E COMBATER O SILÊNCIO: O QUE É RACISMO ESTRUTURAL?

1 INTRODUÇÃO

Com a criação da Lei 10.639/2003, a Educação brasileira começa a introduzir temáticas referentes à História da África e da Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares. Esse marco legal reflete uma conquista do movimento negro na luta contra o racismo no Brasil. Acreditamos que o espaço escolar é fundamental para abolir com as diversas formas de preconceito e discriminações.

Dessa forma esse estudo tem como objetivo analisar o conceito de racismo estrutural tendo como fonte principal o livro: *O que é racismo estrutural?* de Almeida Silvio. Pensamos ser fundamental para nós professoras em formação conhecer, estudar e analisar esses conceitos para trabalharmos com os nossos futuros educandos para evitarmos a reprodução do preconceito, do racismo, e, especialmente o silenciamento dessas questões no âmbito escolar.

Defendemos a importância de tratar e trabalhar o tema já que a discriminação e racismo representam mais que palavras são ações que geram muitos problemas, principalmente o sócioeducacional, afetando psicologicamente, muitas vezes quem o vivencia.

O racismo, de tanto ser cultivado, virou cultura. Desnaturalizá-lo exige um estudo sistemático do tema; exige criar metodologias e práticas que estimulem o diálogo, a compreensão, o respeito e a aceitação para com o próximo. Fazer isso é mais do que simplesmente querer, é unir forças para nadar contra séculos de preconceito (ALVES; STOLL; ESPÍNDOLA, 2016).

Entendemos que enquanto educadoras devemos fomentar a igualdade de oportunidades e termos o discernimento de olhar o outro como igual, mas não igual nos rasgos étnicos, porque é obvio que somos diferentes, pois vivemos em um país de diferentes culturas e com significativas desigualdades socioeconômicas. Porém somos sujeitos com as mesmas capacidades cognitivas de aprender os diferentes conhecimentos, pois a cor da pele não é um entrave de potencialidades. Nos ambientes acadêmicos e próprios ao exercício da advocacia percebi que, na grande maioria das vezes, era uma das poucas, senão a única pessoa negra nestes lugares na condição de advogado e de professor. (ALMEIDA, 2018, p. 47).

Percebemos que o racismo infelizmente foi naturalizado, as pessoas não se preocupam ao verem as crianças diversas etnias nas ruas e não na escola. A sociedade parece que esquece que a cor da pele não faz pessoas incapazes ou menos inteligentes. Acreditamos que todos merecem as mesmas oportunidades, pois temos o direito de nos educar independentemente da cor, raça ou etnia.

2 METODOLOGIA

Ressaltamos que a pesquisa é bibliográfica e de natureza qualitativa. Nessa concepção, o objeto tem sua própria realidade fora da consciência, ele é real, concreto e, como tal, é pesquisado. Assim sendo, “[...] o fundamental é o conhecimento do processo em si e não apenas os resultados, bem como sua atenção especial aos pressupostos que estão subjacentes à vida das pessoas” (TRIVIÑOS, 2001, p, 83).

Para compreendermos esse fenômeno em questão analisamos o conceito de racismo estrutural tendo como fonte principal o livro: *O que é racismo estrutural?* de Almeida Silvio. Destacamos que utilizamos como embasamento metodológico a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977).

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Almeida (2018), elucida que existem três concepções de racismo, sendo elas individuais, institucionais e estrutural. Na perspectiva Individualista,

O racismo é concebido como uma espécie de patologia. Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivos atribuídos a grupos isolados, essa concepção pode não admitir a existência do racismo, mas somente de preconceito, a fim de ressaltar a natureza psicológica do fenômeno em detrimento de sua natureza política. (ALMEIDA, 2018, p. 39).

Essa concepção entende o “racismo” como uma imoralidade e um crime, aqueles que o praticam devem ser punidos. Porém, essas ideias são limitadas, porque banalizam um problema social que deveria ser tratado em um contexto mais amplo onde seja discutido sua origem e desenvolvimento histórico na sociedade para que atinja o nível de compreensão. Na concepção Institucional,

Não se resume o racismo a comportamentos individuais, mas é tratado como resultado do funcionamento das instituições que passam a atuar em uma dinâmica que confere ainda que indiretamente desvantagens e privilégios a partir da raça. (ALMEIDA, 2018, p. 40).

Este ponto de vista tem no cerne o “poder” como forma de dominação de certos grupos da sociedade através da “raça”. A escola e outros espaços institucionais podem mudar essa prática. Optando por uma consciência positiva, podemos bombardear esse mecanismo com argumentos e ações capazes de emancipar os sujeitos que por muito tempo sofreram discriminação.

Compreender que o racismo é estrutural, e não uma ação desconectada de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas.

Consciente de que o racismo é parte estrutural social e por isso não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ético e politicamente responsável pela manutenção do racismo. (ALMEIDA, 2018, p. 40)

Nesse sentido, essa visão estruturalista define claramente o que acreditamos quando se fala de racismo. Entendemos que atitudes racistas não devem continuar, pois essas ações devem ser banidas da sociedade contemporânea. Nós educadores temos o dever de denunciar todas as formas de racismo, chega de silenciar e ocultar o que está presente. Basta de banalizar, basta de ser narcisista e olhar só para si próprio, pois a discriminação existe. Tem milhares de pessoas que sofrem diversas formas de preconceito pela cor da pele.

A raça é um conceito cujo significado só pode ser recolhido em perspectiva relacional. Raça não é fantasmagoria, um delírio ou uma criação da cabeça das pessoas mal intencionadas. É uma relação social, o que significa dizer que a raça se manifesta em atos concretos ocorridos no interior de uma estrutura marcada por conflitos e antagonismos. (ALMEIDA, 2018, p. 40).

As pessoas negras não têm as mesmas oportunidades dentro da sociedade, muitas vezes são excluídas de lugares importantes para a formação do cidadão exitoso dentro do

sistema, como escolas, universidades, espaços de aprendizagem entre outros lugares de interação social.

De fato, negros e negras são considerados o conjunto da população brasileira, que apresentam um menor índice de escolaridade e, sim o sistema político e econômico privilegia pessoas consideradas brancas (ALMEIDA, 2018, p. 48).

Destacamos que, outro ponto relevante é a capacidade que o racismo tem em fomentar através dos meios de comunicação um imaginário social onde o negro sempre está para servir o branco, jamais o negro tem um papel “importante na sociedade”. Isso afeta o psicológico das pessoas não brancas porque fazem elas crerem que essa é a realidade. E por outro lado fazem a os brancos acreditar que “lugar de negro é na cozinha” ou simplesmente na rua por entender que essas pessoas nasceram para ser marginal devido ao pigmento da pele.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que nossos objetivos foram claramente alcançados, pois logramos fazer o vínculo entre a capacidade que tem a educação, especialmente instituições educativas em conjunto com os educadores de desconstruir e banir as ideias discriminatórias e racistas da sociedade. Por isso, acredita-se que é de suma relevância trabalhar a educação para as relações étnico-raciais nas escolas. Pois, “[...] o campo da educação, chamado de “educação das relações étnico-raciais”, dialoga com a noção de raça, etnia, preconceito, discriminação e racismo” (GONÇALVES; RIBEIRO, 2014, p.11).

O racismo é no fim das contas uma forma de racionalidade, como nos ensina o mestre Munanga ao afirmar que o “preconceito “ não é um problema de ignorância, mas de algo que tem sua racionalidade embutida na própria ideologia. (ALMEIDA, 2018, p. 55).

Almeida (2018), elucida que a Meritocracia é um mito enorme, a política logra se estabilizar quando faz que todos acreditem que a pobreza e falta de mérito dos indivíduos são consequências da falta de oportunidades e negam todo tipo de racismo e falta de oportunidade. Segundo esse conceito de meritocracia as oportunidades estão, são os indivíduos que não se apropriam delas para lograr um “futuro promissor”.

No Brasil, a negação do racismo e a ideologia da democracia racial sustentam-se pelo discurso da meritocracia. Se não há racismo, a culpa pela própria condição é das pessoas negras que, eventualmente, não fizeram tudo que estava a seu alcance. (ALMEIDA, 2018, p. 63).

Dessa maneira o discurso meritocrático em nosso país é fundamentalmente racista, pois promove a conformação ideológica das pessoas que sofrem com a desigualdade racial. Compreendemos que a escola tem papel preponderante para a eliminação das discriminações e para a emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos; a registros culturais diferenciados; à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais; a conhecimentos avançados, indispensáveis para a consolidação e o concerto das nações como espaços democráticos e igualitários (BRASIL, 2004).

Por fim, sabemos que não podemos transformar o mundo de hoje para amanhã, mas nós educadores temos a possibilidade de impulsionar essas mudanças tão necessárias, pois trabalhamos com a formação humana que tem o objetivo de contribuir na eliminação de todas

as formas de preconceito e racismo e na construção de uma sociedade mais justa, solidária que venha ao encontro do bem comum.

REFERÊNCIAS

ALVES, S. S.; STOLL, V. G.; ESPÍNDOLA; Q. C. (Re)Educação das relações étnico-raciais: ação-reflexão na formação de professores na Educação Básica. **Revista de linguagens, artes e estudos em culturas**, v. 02, n. 01, p. 13-29, 2016.

ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BRASIL. Lei 10.639/2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2003.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**, 2004.

GONÇALVES, M. A. R.; RIBEIRO, A. P. P. G. A.. A questão étnico-racial e o sistema de ensino brasileiro. In: GONÇALVES, M. A. R.; RIBEIRO, A. P. A. (Org.). **História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Escola**. 2. ed. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2014, p. 10-23.

TRIVIÑOS, A. N. **Bases Teóricas-Metodológicas da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais. Idéias Gerais Para a Elaboração de um Projeto de Pesquisa**. Caderno de Pesquisa Ritter dos Reis. Vol IV. Nov. 2001. 2ª Ed. Porto Alegre. Faculdades Integradas Ritter dos Reis. 2001.